

Saberes no Brasil dos séculos XVI e XVII: Produção e circulação**Knowledge in Brazil XVI and XVII: Production and circulation**

DOI:10.34117/bjdv5n8-123

Recebimento dos originais: 14/07/2019

Aceitação para publicação: 28/08/2019

Márcia Helena Alvim

Dra. pelo Instituto de Geociências da UNICAMP na área de História das Ciências.
Professora de História das Ciências na Universidade Federal do ABC - no Centro de Ciências Naturais Humanas e no Programa de Pós-Graduação de Ensino e História das Ciências e Matemáticas.

Endereço: Av. dos Estados, 5001 - Bangú, Santo André - SP, 09210-580

Sonia Brzozowski

Doutoranda em História da Ciências e Matemática e Interfaces com a Educação pelo Programa de Pós-Graduação de Ensino e História das Ciências e Matemáticas na Universidade Federal do ABC.

Endereço: Av. dos Estados, 5001 - Bangú, Santo André - SP, 09210-580

RESUMO

Este estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa, através de análise documental de cartas jesuíticas de alguns padres que estiveram na América Portuguesa durante os séculos XVI e XVII, destacando-se a participação destes missionários no processo de produção de conhecimento médico e farmacológico no Brasil, como também nos registros, e circulação destes saberes entre os colégios Jesuítas da Ordem.

O Brasil recebeu no século XVI representantes da Companhia de Jesus, com o propósito de colocar em prática um projeto de catequização indígena, os primeiros jesuítas chegaram às terras brasileiras em 1549, e são responsáveis por grande parte dos registros sobre as terras brasileiras, registros que foram realizados através de diários de expedições e de cartas enviadas a seus superiores eclesiásticos.

Deste modo este estudo tem como objetivo analisar como em meio ao processo colonizador dos portugueses no Brasil, a ação civilizadora dos jesuítas se apropriou dos saberes indígenas, produzindo uma vasta lista de medicamentos, e conseqüentemente um avanço na área médica, e os meios através dos quais os conhecimentos produzidos na América Portuguesa circularam entre os continentes.

Pretende-se também apresentar elementos documentais que discutam sobre a produção e circulação de conhecimento no Brasil nos séculos XVI e XVII, enfatizar os interesses comerciais dos portugueses também sobre as ervas medicinais, levantar as principais rotas de circulação de saberes nos séculos XVI e XVII.

Estes documentos permitem-nos entender que não só havia uma sistematização do conhecimento médico entre os jesuítas, mas também que havia uma rede de troca não só de saberes médicos, mas de produtos. Quando Loiola criou a Companhia de Jesus, estabeleceu entre as determinações da Ordem como regra, a troca sistemática de cartas, através das quais os jesuítas relatavam suas vivências nas suas áreas de atuação, com o objetivo de que as experiências que pudessem auxiliar outros companheiros das missões.

Palavras-chaves: Saberes, Circulação; Padres Jesuítas

ABSTRACT

This study is a qualitative research, through documentary analysis of Jesuit letters of some priests who were in Portuguese America during the 16th and 17th centuries, highlighting the participation of these missionaries in the process of producing medical and pharmacological knowledge in Brazil, as well as in the records, and circulation of this knowledge among the Jesuit colleges of the Order.

Brazil welcomed representatives of the Society of Jesus in the 16th century, in order to put in place an indigenous catechization project, the first Jesuits arrived on Brazilian lands in 1549, and are responsible for much of the records on Brazilian lands, records that they were carried out through expedition diaries and letters sent to their ecclesiastical superiors.

Thus this study aims to analyze how amidst the colonizing process of the Portuguese in Brazil, the civilizing action of the Jesuits appropriated the indigenous knowledge, producing a vast list of medicines, and consequently an advance in the medical field, and the means through which knowledge produced in Portuguese America circulated between the continents.

It is also intended to present documentary elements that discuss the production and circulation of knowledge in Brazil in the 16th and 17th centuries, to emphasize the commercial interests of the Portuguese also on medicinal herbs, to survey the main routes of knowledge circulation in the 16th and 17th centuries.

These documents allow us to understand that there was not only a systematization of medical knowledge among the Jesuits, but also that there was a network of exchange not only of medical knowledge but of products. When Loiola created the Society of Jesus, he established among the determinations of the Order as a rule, the systematic exchange of letters, through which the Jesuits related their experiences in their areas of activity, so that experiences that could help other companions of the missions.

Keywords: Knowledge, Circulation; Jesuit Fathers

1. SABERES NO BRASIL DOS SÉCULOS XVI E XVII: PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO

Segundo Bento (2005) a ação dos jesuítas no Brasil não se restringiu somente à questão religiosa na conversão dos gentios, e educacional, embora já reconhecida a grande importância para o processo de desenvolvimento do ensino, segundo Leite (1953) estes padres também desempenharam outros papéis, como de astrônomos, médicos e boticários.

Os registros deixados pelos jesuítas são dos mais diversos, descrevem desde as paisagens das terras brasileiras até os conhecimentos botânicos dos nativos, segundo Santos (2009, p.27) “relatavam as virtudes das plantas medicinais, os prodígios que o clima desempenhava sobre as hortaliças e árvores frutíferas, a grandeza dos diversos gêneros de legumes, saladas e outros vegetais”. As qualidades medicinais da fauna e flora brasileira foram registradas em manuscritos por Manuel da Nóbrega, José de Anchieta, Fernão Cardim, e Francisco Soares, Jácome Monteiro, Diogo Nogueira, João Daniel e Francisco de Lima.

Havia também outros cientistas como, Charles de Marie de la Condamine, um explorador francês, que também passou pelo Brasil em uma de suas expedições, mais especificamente na região do Pará em 1743, onde permaneceu por um período fazendo observações astronômicas e registros sobre a borracha, entre os registros de seu diário de expedição há um em que descreveu plantas medicinais importantes para a farmacologia, (BRESCIANI, 1999, p.170), “[...] as plantas utilizadas pelos indígenas [...] especialmente o curare, veneno mortal com o qual os índios untam suas flechas, e outros produtos extraídos de plantas ou de peixes, e que servem de inseticida, medicamento, alimento, pintura ou talismã”.

Sobre as observações dos jesuítas em relação ao conhecimento botânico indígena há um registro feito em 1610 por Jácome Monteiro, sobre a presença de ervas medicinais, (BRESCIANI, 1999, p.171-172), “[...] é fértil de madeira, pau Brasil, real, branco, amarelo; aqui se colhem os bálsamos tão prezados nestas partes. [...] Nesta Capitania se fazem as contas de bálsamo, e é a melhor droga da terra. [...] Dá-se nas ribeiras desta baía muito e excelente gengibre”.

Sobre a propriedade farmacológica das plantas há um trecho extraído da obra Tratado da Terra do Brasil que descreve a planta utilizada na extração óleo de copaíba, usado para produzir o “balsamo dos jesuítas”, muito utilizado na Europa, Ásia, África e América, (CARDIM, 1925, p.15):

Um certo gênero de árvores há também pelo mato dentro na Capitania de Pernambuco a que chama copaíbas de que se tira bálsamo mui salutífero e proveitoso em extremo, para enfermidades de muitas maneiras, principalmente as que procedem da frialdade: causa grandes efeitos, e tira as dores por graves que sejam em muito breve espaço. Para feridas ou quaisquer outras chagas, tem a mesma virtude, as quais tanto que com ele lhe acodem.

De acordo com Veiga Jr. (2014) é provável que o primeiro registro escrito sobre o óleo de copaíba é o que consta em uma carta de Petrus Martius ao Papa Leão X, que foi publicada em 1534, em Estrasburgo. Veiga Jr. (2014) afirma ainda que não houve cronista na História do Brasil que não tenha feito referências ao poder de cura do óleo, Gabriel Soares de Sousa foi o primeiro a registrar em sua obra intitulada “Tratado Descritivo do Brasil”, por volta de 1540 -1592, a utilização do óleo. Cardim (1925) também descreveu o poder de cura deste

bálsamo e a forma como era extraída, na seção VI- Das árvores que servem para medicinas, de sua obra Tratado da Terra e gente do Brasil,

Cardim descreveu além da região onde se encontra também os poderes curativos da planta, e o grande interesse comercial, com um custo elevado já que a planta se encontra em quantidade reduzida. Na mesma seção da obra Cardim (1925, p. 39) descreveu uma planta encontrada na região litorânea que possui tanto o poder de curar uma pessoa como o de matar se o uso ultrapassar a dose de três gotas.

Segundo Santos (1988) há uma problemática no que se refere à abundância das espécies de plantas, e a grande extensão territorial, pois dificultavam o processo de identificação, coleta e catalogação das espécies, o que gerou uma confusão taxonômica, agravada também pela diversidade das línguas indígenas e conseqüentemente uma variação nos nomes dessas plantas, algo semelhante ao que ocorreu também nos manuscritos sobre astronomia, nos registros de astros e constelações conforme tratado por Pedroza (2005).

Santos (1988) afirma que as expedições nas novas terras eram motivadas principalmente pelo aspecto medicinal, exploração que se intensificou no processo de colonização, porém não podemos deixar de considerar o interesse de Portugal no aspecto econômico com a comercialização desta matéria-prima, conforme o próprio Cardim (1980,p.37) registrou em sua obra, trecho já citado acima “aqueles que o alcançam tem-no em grande estima e vendem-no por muito preço, porque além de tais árvores serem poucas correm muito risco as pessoas que o vão buscar”.

Através dos jesuítas estes saberes circularam pela América e até cruzaram o Oceano Atlântico, embora, seja oportuno ressaltar que não foram somente os saberes que cruzaram as águas do oceano, mas também a matéria prima, neste caso as plantas medicinais. Além desta circulação de conhecimento através dos manuscritos, da mesma forma ocorreu na história oral. Os índios brasileiros conheciam o poder medicinal das plantas, utilizavam várias delas em seus métodos de tratamento de doenças, transmitiram esses conhecimentos e técnicas aos jesuítas. No entanto, para que isso ocorresse foi necessário dominar os idiomas dos povos com os quais se desejava manter contato, e foi então a primeira coisa que os jesuítas fizeram, aprenderam o nheengatu, uma língua falada por centenas de nações indígenas, dos quais se aproximavam e conquistavam sua confiança, faziam também anotações de todos os comentários dos índios sobre as ervas.

Leite (1938) afirma que a proximidade entre os Jesuítas e os indígenas foi responsável pela apropriação do conhecimento sobre as propriedades terapêuticas, (LEITE, 1938, p.86),

“O contato diário com os indígenas deve ter levado os jesuítas a conhecerem de perto as propriedades terapêuticas das plantas brasileiras. O conhecimento da flora nativa foi sendo ampliado através dos longos séculos de contato com os habitantes autóctones da terra”.

Maia (2011) afirma que quanto ao poder de curar, os jesuítas aprenderam mais com os índios do que ao contrário, e que os jesuítas podem ter “copiado” a medicina que os indígenas utilizavam. O conhecimento que os nativos tinham das plantas medicinais superava, em muitos pontos, o dos europeus que aqui aportaram no século XVI. Algum tempo após este contato com os índios e exploração dos recursos da fauna e flora, os Jesuítas desenvolveram um medicamento preparado à base de várias ervas da floresta brasileira, que ficou conhecido como “Triaga Brasília”. Este elixir era utilizado para várias finalidades, como na cicatrização de feridas, depuração do sangue, enfim era considerado um “santo remédio”, pois curava todos os males, o que fazia seu preço ser bem elevado, valendo verdadeira fortuna.

Foi um dos mais importantes remédios produzidos na botica do Colégio da Bahia, colocando a América portuguesa no cenário internacional de circulação de saberes, era composto por mais de 70 ingredientes, sendo, 21 raízes, 7 sementes, 4 extratos, 8 outras partes vegetais como cipós, cascas, botões florais e flores, 18 gomas, 8 óleos químicos e 11 sais químicos, perfazendo um total de 77 itens.

A exemplo da circulação de conhecimento no Brasil dos séculos XVI e XVII, podemos mencionar o caso do “bálsamo dos Jesuítas” já citado neste texto, que segundo Leite foi utilizado na composição de vários outros medicamentos: (COLEÇÃO DE RECEITAS, 1766, p.423):

[...]o bálsamo dos jesuítas foi utilizado na fabricação de diversos medicamentos como o Bálsamo para Empigen(doenças de pelo), o Bálsamo Apoplético, a Caçoula admirável, o Emplastro para dores de cabeça, o

Linimento para Empige, a Pílula Hiterica, a Tintura estomacal, a Triaga Brasília, a Nova Triaga Brasília, os Trociscos de jararacas, o Unguento de azougue, Unguento para empijase o Unguento preservativo das erpes.

Este registro sinaliza para existência de uma circulação de conhecimento científico, financiada pela Igreja, já que os jesuítas se mostraram participativos no processo de exploração da fauna e flora brasileira com finalidades terapêuticas, há indícios de que foram estes padres também os responsáveis por levar a copaíba para a China, e outros lugares, (FLECK, PORTELLO, 2012, p. 1125), “o jesuíta Pedro Montenegro fez menção sobre o fato

de ser [a Copaíba] muito conhecida e usada por toda a Europa, África e América, com grande estima e preço elevado no Japão e China, conforme estou informando devido às suas admiráveis virtudes”.

Estes documentos permitem-nos entender que não só havia uma sistematização do conhecimento médico entre os jesuítas, mas também que havia uma rede de troca não só de saberes médicos, mas de produtos. Quando Loiola criou a Companhia de Jesus, estabeleceu entre as determinações da Ordem como regra, a troca sistemática de cartas, através das quais os jesuítas relatavam suas vivências nas suas áreas de atuação, com o objetivo de que as experiências que pudessem auxiliar outros companheiros das missões.

REFERÊNCIAS

BENTO, Viviane. **A escrita jesuíta e suas práticas: ciência e produção de medicamentos através da Coleção de Várias Receitas de 1766.** XXVIII Simpósio Nacional de História. Florianópolis, 2015.

BRESCIANI, Carlos. **Companhia de Jesus: 450 anos ao serviço do povo brasileiro.** São Paulo, Edições Loyola, 1999.

CALAINHO, Daniela Buono. **Jesuítas e Medicina no Brasil Colonial.** Tempo. Rio de Janeiro, nº 19, 2005.

CARDIM, Fernão. **Tratados da terra e gente do Brasil.** Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1980.

FLECK, Eliane Cristina Deckmann; POLETTO, Roberto. **Circulação e produção de saberes e práticas científicas na América meridional no século XVIII: uma análise do manuscrito Materia medica misionera de Pedro Montenegro (1710).** História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v.19, n.4, out.-dez. 2012.

GANDAVO, Pero Magalhães. **Tratado da Terra do Brasil: história da província Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil.** Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008.

GESTEIRA, Heloísa Meireles. **Manuscritos médicos e circulação de ideias nas missões jesuíticas na América.** In: Encontro Internacional da Associação Nacional de Pesquisadores e Professores de História das Américas (ANPHLAC), 2006, Campinas. Anais eletrônicos. Campinas: ANPHLAC. p.1-8. 2006.

LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Lisboa/Rio de Janeiro:

Livraria Portugália/Civilização Brasileira, v. 1, 1938.

LEITE, Serafim. **Artes e Ofícios dos Jesuítas no Brasil (1549 - 1760)**. Lisboa: Brotéria 1953.

LEITE, Serafim. **Serviços de saúde da Companhia de Jesus no Brasil (1544-1760)**. Lisboa, Typografia do Porto, 1956. Op. cit., nota 29, p. 162-163. Coleção de Varias Receitas, 1766. Op. cit., nota 16, p. 59-60 e 467-469.

MAIA, Patrícia. **Práticas de cura no encontro de culturas: jesuítas e a circulação de receitas médicas**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História. ANPUH. São Paulo, julho 2011.

SANTOS, C. **Plantas medicinais** (herbarium, flora et scientia). São Paulo, 1988.

VEIGA, Cynthia Greive. **História da Educação**. 1. ed. São Paulo, Ática, 2007.

VEIGA Jr. Valdir. **O Olhar dos Primeiros Cronistas da História do Brasil sobre a Copaíba**. UFRJ, 2014.